

Santos Reis no Distrito de Bonfim de Feira, Bahia: Origem, Tradição e Transformação Cultural

54

Liana Maria Barbosa

Professora do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana –
UEFS.

Carla Alessandra Melo de Freitas Bastos

Geógrafa. Bolsista PIBEX-PROEX-UEFS (2010 – 2012), Bolsista PIBIC-FAPESB (2012–2013).

Laina Freitas de Melo

Geógrafa, Professora, Muritiba, Bahia. Bolsista PIBIC-CNPq - UEFS (2008–2011).

Gracinete Bastos de Souza

Professora do Departamento de Ciências Exatas da Universidade Estadual de Feira de Santana –
UEFS.

Ronaldo dos Santos da Paixão

Licenciado em História, mestrando em Desenho e Arte da Universidade Estadual de Feira de
Santana – UEFS.

Agda da Luz Oliveira

Geógrafa, Cruz das Almas, Bahia.

Resumo: Em Bonfim de Feira, a celebração de *Reis* é espontânea e frequente como prática votiva aos santos gêmeos *Cosme e Damião* e ao santo-guia. Não se restringe ao ciclo natalino e difere de reisado. Este cenário motivou a elaboração deste trabalho com a finalidade de: (a) compreender, descrever e analisar esta manifestação cultural e (b) contribuir para documentação, preservação e restauração das expressões culturais. Os dados primários são oriundos da

observação participante em 50 celebrações culturais entre 2009 e 2013, enquanto os relatos são oriundos de quatro rodas de conversa com o Grupo União¹ (adultos/idosos) em 2012. Dessa forma, a pesquisa e extensão universitária possibilitaram a compreensão dos autos natalinos, os registros das cantorias e a identificação de protagonistas dessa expressão cultural no distrito. Como conclusão, descreve-se essa manifestação como religiosa afro-brasileira umbandista, que revela transformações, re-significação e preservação dos congos. **Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira. Umbanda. Reisado. Congado. Feira de Santana.

Introdução

Bonfim de Feira é um distrito feirense que está situado aproximadamente 34,5km da cidade de Feira de Santana, no Estado da Bahia. Este distrito tem população estimada em 3.433 habitantes (IBGE, 2010), apresenta caráter rural, exceto na vila-sede onde alguns aspectos urbanos são identificados pelo maior número de equipamentos e serviços públicos, casario residencial, prédios públicos, ensino fundamental e médio, posto policial e pavimentação (FIG. 1).

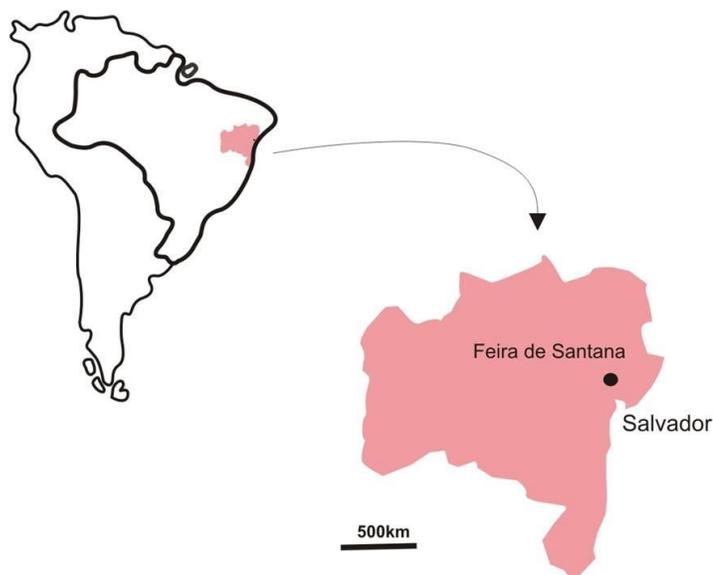
O interesse da equipe pelo local se deve inicialmente à pesquisa, com o mapeamento do meio físico, o diagnóstico ambiental e a caracterização dos

¹ Em 1º de setembro de 2011, os sujeitos colaboradores da pesquisa nuclearam a formação do Grupo União – adultos e idosos de Bonfim de Feira e o projeto se reestruturou sob título: Bonfim em foco: popularização da ciência e ações educativas com práticas em geociências, informática, desenho e saúde (CONSEPE UEFS 77/2012). Este grupo possibilitou o campo de estágio para a disciplina “Atenção em Enfermagem na saúde do Adulto e do Idoso I” com as professoras Margarida Vasconcelos e Pricila Araújo, do Departamento de Saúde da UEFS, que realizam de quatro a seis reuniões por semestre. Este espaço abriu também a possibilidade de discussão da realidade local por meio de rodas de conversa, que ocorrem no Salão Santo Antonio, Rua da Paz, n. 24, distrito Bonfim de Feira.

aspectos sócio-culturais de Feira de Santana. Em Bonfim de Feira, os resultados desse mapeamento foram expostos para a comunidade por meio de material impresso e de vídeos produzidos por Barbosa *et al.* (2010a). Essas ações fortaleceram o elo com a população, que, por sua vez, orientou a equipe no âmbito da extensão, estabelecendo espaços e possibilidades de atuação. Com isso, a extensão universitária se definiu com exposições itinerantes, ações educativas destinadas para o público infanto-juvenil e ações em saúde para o público adulto/idoso. .

No que se refere ao banco de dados do projeto e mais especificamente aos bens imateriais de Bonfim de Feira, a celebração de *Reis* chama atenção pela representação e frequência no decorrer do ano. Assim, no período de 2009 a 2013, o rito de *Reis* foi documentado treze vezes em 50 obrigações religiosas neste distrito.

Figura 1 – Localização de Feira de Santana no Estado da Bahia



O rito de *Reis de Bonfim de Feira* não se restringe ao ciclo natalino, além do mais, difere de *reisado* tal como os estudiosos do folclore brasileiro definem a celebração natalina, que os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil no final do século XVI. No Brasil, novos elementos foram inseridos e surgiram as variantes regionais, bem como as denominações: rancho de reis, terno de reis, santos reis, folia de reis, boi de reis ou somente reis, cuja expressão cultural pode ser apenas a cantoria, bem como, pode ter um enredo com atos encadeados ou não, envolvendo cânticos de pastores e presépio ou lapinha.

Reis em Bonfim de Feira é uma celebração espontânea como prática religiosa nas casas de umbanda em devoção aos santos gêmeos Cosme e Damião e ao santo-guia. Portanto, essas peculiaridades motivaram a elaboração deste trabalho com a finalidade de: (a) compreender, descrever e analisar esta manifestação cultural e (b) contribuir para documentação, preservação e restauração das expressões culturais de Bonfim de Feira.

Trajetórias de pesquisa e extensão

Inicialmente, a base de estudo foi o banco de dados do mapeamento de Bonfim de Feira (2008 – 2011), que resultou da pesquisa de Grilo (2008), Silva & Souza (2011) e Barbosa *et al.* (2010a, 2010b, 2010c, 2012). Essas referências assumem que a povoação de Bonfim de Feira é provavelmente do final do século XVIII, com influência cultural associada principalmente com a pecuária (boiadeiros e vaqueiros) e, secundariamente com as práticas agrícolas de fumo e de subsistência (feijão e milho). A religiosidade é um elemento cultural muito forte, a contar pelas práticas do catolicismo popular entremeadas com as práticas afro-brasileiras e o número de centros religiosos (34) na vila-sede e nos povoados que, no mapeamento de Bastos (2013), são nove centros de orientação católica, doze de orientação evangélica e treze de tradição afro-brasileira.

Para o mapeamento, a equipe documentou celebrações de orientação umbandista e de orientação católica, conforme descrito em Melo (2009) e em

Barbosa *et al.* (2012). Deste modo, no papel de observador participante, a equipe efetuou registros nos centros *Deus dará em Umbanda, de Ogum, de Oxossi, do Caboclo Boiadeiro* e no *Salão de Santo Antonio*, situados na vila-sede de Bonfim de Feira e no terreiro de *Tupinambá/Iemanjá* no distrito do Poço, no município de Antonio Cardoso. Foram também documentadas festividades promovidas pela *Igreja do Senhor do Bonfim* e por três capelas, a de *Santa Bárbara* no povoado homônimo, a de *São Roque* no povoado Terra Nova e a de *São Roque* na fazenda do Jenipapo.

Após cada registro, as fotografias e as gravações das celebrações culturais (FIG. 2) foram expostas, como meio de socialização dos resultados da pesquisa para o público infanto-juvenil e para a comunidade em geral. Com o consentimento dos sujeitos sociais, um vídeo sobre as cantorias de Bonfim de Feira (BARBOSA *et al.* 2010b) foi inserido na sessão *Outros Olhares* da TV Olhos d'Água da UEFS. Mais adiante, o Grupo União – adultos e idosos de Bonfim de Feira – possibilitou rodas de conversa sobre temas como saúde, plantas medicinais e manifestações culturais. Nessa trajetória, a equipe buscou inspiração em Park (2000) e incorporou o entendimento de Lima (2003), no que se refere à autonomia dos sujeitos colaboradores e a intervenção acadêmica como um processo de aprendizagem, de trocas e de valorização do saber local.

Figura 2 – Reis em Bonfim de Feira

- a) Bandeira de Cosme e Damião na obrigação para Santo Antônio-Ogum/Senhora das Candeias-Oxum, 29 out. 2011;
- b) Bandeira de São Roque na obrigação para Abaluaê, 10 set. 2010;
- c) Criança paramentada segura a bandeira na obrigação para as Águas (Iemanjá, Oxum e Oxumaré), 11 fev. 2010;
- d) Devoto na celebração de São Roque, em agosto 2011.



No início de 2012, a pergunta “*quem monta presépio em casa*” foi o suficiente para desencadear quatro rodas de conversa livres de instrumento de pesquisa. Essas conversas despertaram relatos, explicações, comentários e lembranças, que elucidaram não só a expressão de *Reis*, mas descreveram também a lapinha e o reisado, com exposição de significados e de protagonistas antigos e atuais dessas celebrações. Desta forma, o registro documental da liturgia de *Reis* nas festividades religiosas e as informações do Grupo União possibilitaram a elaboração deste trabalho.

Reis de Bonfim de Feira

Reis é uma manifestação do catolicismo popular, que ocorre nas obrigações religiosas afro-brasileiras como ato votivo aos santos gêmeos *Cosme e Damião* (FIG. 2a) ao santo-guia, que pode ser Santo Antônio/Ogum (junho, outubro, dezembro), São Jorge/Oxossi (abril), São Roque/Abaluaê (agosto, setembro; FIG. 2b), Santa Bárbara/lansã (dezembro, fevereiro), Senhora da Conceição/Iemanjá (janeiro, fevereiro, novembro; FIG. 2c), Senhora das Candeias/Oxum (fevereiro, outubro, dezembro) e Senhor do Bonfim/Oxalá (janeiro). Nesse cenário, a bandeira é da santidade católica/santo-guia da casa de umbanda².

O rol de instrumentos inclui palmeado e percussão com atabaques, bumbo, caixa e taboas, além de metais com prato e agogô. Outros instrumentos podem estar presentes, como o acordeão (harmônica, sanfona de oito baixos, “pé de bode”), a viola e o sopro (saxofone, trombone, pistão). Esse rol de instrumentos se diferencia da descrição sonora da folia de música do sistema baiano apresentado por Ikeda (1994), bem como, no que tange ao instrumental de sopro reflete as influências das filarmônicas do passado bonfinense.

No decorrer da celebração, os participantes (adultos, jovens e crianças) podem estar paramentados com as vestimentas do *candomblé*, principalmente se a condução for a da casa mais antiga (FIG. 3a). De qualquer modo, a cantoria é coordenada por Maria Ferreira da Silva (Lia, 73) e Maria Araújo dos Santos (Costinha, 63), rezadeiras que herdaram a prática das mais antigas. Portanto, em que pese o aspecto sacro, *Reis* de Bonfim de Feira se aproxima do Reisado de

² Dentre as manifestações umbandistas documentadas, apenas o Centro do Caboclo Boiadeiro não celebra *Reis*. Todavia, esta casa é a única que promove lavagem ou cortejo de baianas pelas ruas do distrito nos festivais para Caboclo (julho) e Santa Bárbara/lansã (dezembro). A explicação plausível desta prática é a tradição da casa, que é um misto angola-queto, revelando possível distanciamento dos hábitos da catequese católica e maior aproximação com os rituais de tradição africana. Este tema demanda maiores considerações, no entanto não é objetivo do presente trabalho.

São Sebastião de Boninal na Chapada Diamantina, no Estado da Bahia, cuja liderança é feminina e integra uma liturgia afro-brasileira conforme descrição de Brantes (2007).

Figura 3 – Reis com os participantes

- (a) paramentados para a obrigação de São Roque/Abaluaê no Centro de Oxossi (10 set. 2010) e;
- (b) não paramentados na celebração das Águas no Centro de Ogum (2 fev. 2012).



As velas acesas são indispensáveis (FIG. 2d, FIG. 3a). Esse cenário pode ser alusão às chamas do passado como tradição ou costume herdado dos ternos descritos por Nina Rodrigues (2008), nos quais *pastores e pastoras levavam flechas com uma chama*. Podem ser ainda, a maneira de manter a atmosfera do sagrado e a simples tradição herdada dos costumes, que vem do *velho João do*

*Jenipapo*³ e da casa de Isabel da Serra de Santa Bárbara, a tirar pelas afirmações “*Reis tem que ter velas. Sem velas não é Reis*”. “*Sem esta cantoria, a celebração, a prática, o pagamento para o santo não está completo*”. “*O velho João fazia assim*”. “*Vem de antes, vem de Isabé*”. Deste modo, entende-se o rito de *Reis* como uma herança cultural de devoção, que os participantes consideram como parte do cerimonial, que significa obrigação e dá o caráter sacro à função.

Em uma das celebrações, a expressão de *Reis* ocorreu após o *samba*, que é a denominação local para a obrigação de canto e dança para os orixás, caboclos e encantados. No entanto, o momento de *Reis* normalmente ocorre no dia do ápice da obrigação, antes ou após a oferta do caruru das crianças, mas após a reza (oratório) ou a procissão/missa. Nesse cronograma, o início ocorre na parte externa da casa e diante da porta principal cerrada e termina no interior da casa, com a cantoria e roda para o *Reis coroado*.

Os versos de Reis de Bonfim de Feira

Tal como as cantorias tradicionais registradas pelos estudiosos do folclore brasileiro, os versos são obra da catequese cristã e católica colonial com referência à caminhada de Maria e José, ao nascimento de Jesus, à chegada dos três reis magos, à reverência aos donos da casa, aos familiares, ao pedido de abertura da porta e à entrada na casa. Esta sequência atende à tradição cristã conforme as considerações de Ramos (2007): *a folia de reis é uma tradição devido à catequese católica dos jesuítas*.

No entanto, não há consenso no Grupo União sobre a que *Reis* se referem. Para alguns são os três reis magos, os mesmos que visitaram o Menino Deus conforme narra a natividade de Jesus Cristo. No entanto, há referência que *Reis* é um encantado: “*tenho prá mim, assim, na minha mente, que é um encantado, um*

³ O *Velho João do Jenipapo*, babalorixá, João Batista da Conceição (1932 – 2008) foi importante liderança afro-brasileira e protagonista das manifestações culturais no distrito Bonfim de Feira entre 1974 e 2008.

nobre, que tem coroa, é importante”. Ou ainda sem necessidade de explicações, apenas é “*porque é festivo de Cosme*”, “*faz parte do festivo de Cosme*”.

A introdução da reza de *Reis* é feita pelo(a) zelador(a) diante do terreiro/casa. Nesse momento, o ambiente é incensado, inicia a oração (Credo, Pai Nosso, Ave Maria) e a porta é cerrada. Uma das rezadeiras canta (*puxa*) o verso inicial da cantoria e os presentes respondem com o refrão (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Canto de Chegada

<p>Ô de casa, ô de fora Ô, (<i>minino</i>) Mariá vai ver quem é É o cantador de reis Quem mandou foi São José</p> <p>São José, Santa Maria Diz que vai para Belém Vão cantar <i>um</i> reis E cantaremos nós também</p>	<p>Ô de casa, ô de fora ...</p> <p>São José vai muito triste Porque vai pelas montanhas Maria vai muito alegre Porque leva Jesus nas entranhas</p> <p>Ô de casa, ô de fora ...</p>
---	--

O número de versos e a entonação variam de acordo com a necessidade da festividade ou do momento. Portanto, a cantoria mais rápida tem aproximadamente 15 minutos e, neste caso, “*é sem repostas*”. Os relatos mencionam que a cantoria pode variar de 25 a 52 *pés* (estrofes). Com todos “*resposos e pés*”, a cantoria atinge 50 minutos do canto de chegada até a abertura da porta.

No canto de chegada é feita a menção aos *reis magos*, aos presentes e às *três marias* – três crianças pastoras, que saíram em busca do *Menino-Deus*, conforme versos do Quadro 2. No seguimento, a saudação é para os donos da casa e, por vezes, para os parentes (Quadro 3). A abertura da porta está próxima, mas, de certo modo, a quadra final denota desagravo, reclamação, mesmo diante da certeza de que a porta será aberta (Quadro 4). Em Bonfim de Feira, os santos gêmeos são lembrados na ilustração da bandeira usada na parte externa (FIG. 2a)

e nas cantigas de abertura da porta e do interior da casa, como expresso no Quadro 5.

Quadro 2 – A chegada dos três reis

<p>Que cavaleiros é aquele Que vem do forte do mar São os três reis do Oriente Que a Jesus vem visitar Ô de casa, ô de fora ... O primeiro trouxe mirra Para seu trono mirrá O segundo trouxe ouro Para seu trono <i>ourá</i> Ô de casa, ô de fora ... O terceiro trouxe incenso Para seu trono <i>incensá</i> oh que noite tão bonita como a noite de Natal</p>	<p>Ô de casa, ô de fora ... Já <i>saiu as três marias</i> pela noite de <i>luá</i> procurando Jesus Cristo sem nunca poder <i>achá</i> Ô de casa, ô de fora ... Foi andar com ele em Roma bem vestido no altar com o cálice de ouro nas mãos missa nova vem celebrar Ô de casa, ô de fora ...</p>
---	---

Quadro 3 – Saudação aos moradores da casa

<p>A senhora dona da casa folhas de alecrim a sua sombra nos cobre que chova que faça sol Ô de casa, ô de fora ... A senhora dona menina é a flor da melancia é a moça mais bonita que tem nesta freguesia Ô de casa, ô de fora ...</p>	<p>A senhora dona senhora Olho da pedra redonda olho da pedra mais fina onde o mar combate as ondas Ô de casa, ô de fora ... A senhora dona (ou senhor dono) da casa não se dê por agravada (agravado) por ficar por derradeira (derradeiro) por ser mais estimada (estimado) Ô de casa, ô de fora ...</p>
--	--

Quadro 4 – A espera

<p>Eu já cantei, já recantei Eu não posso mais <i>cantá</i> já me dói o céu da boca e os dentinhos do <i>queixá</i> Ô de casa, ô de fora ... Eu estou na sua porta Feito um feixinho de lenha Esperando a resposta Que da sua boca venha Ô de casa, ô de fora ...</p>	<p>Eu não louvo as paredes Por não ter merecimento Eu louvo é a dona da casa Que está a parede de dentro Ô de casa, ô de fora ... Abra a porta se não eu morro não abra mais que já morri assim como cantam os anjos no céu e na porta do serafim (de sarapê) Ô de casa, ô de fora ...</p>
--	--

Quadro 5 – Reis no Poço

<p>Ô de casa, ô de fora Ô Mariá vá ver quem é É ô glorioso São Cosme e São Damião E a Virgem da Conceição Ô damo vivas, damo vivas e louvores Prá fazer casa reá Ô de casa, ô de fora Mandei fazer, mandei fazer uma estrada ô glorioso São Cosme e São Damião é sua noite de festejá, é sua noite de festejá ô de casa, ô de fora</p>	<p>ô que cavalo é aquele são os reis do oriente que vem louvá ô São Cosme e São Damião ô Menino Jesus da Lapa Ô de casa, ô de fora Ô Mariá vá ver quem é ô que a Jesus vem adorar... Ô iaiá, dona da casa, acorda quem está dormindo” Ô de casa, ô de fora Ô Mariá vá ver quem é</p>
---	---

No distrito vizinho do Poço, situado aproximadamente 4 km da vila de Bonfim, a celebração da casa de Tupinambá e Iemanjá exibe versos em referência aos santos gêmeos em toda a cantoria, desde a parte externa até o interior da

casa tal como se expressa no Quadro 6. Independente dessas diferenças, a porta é aberta e, assim, todos entram, e os músicos seguem os participantes⁴.

Na abertura da porta de uma das casas, os visitantes foram aspergidos com água de cheiro, pois a celebração era dedicada à Senhora da Conceição/Iemanjá. No entanto, mais comumente, o ambiente é novamente incensado pelo(a) zelador(a) da casa e uma vez que o cortejo está no interior do barracão, uma roda se forma e o “*Reis é coroado*”, conforme expressam os versos do Quadro 7. Este cenário lembra os autos das congadas, embora não se observe o imaginário descrito por Ramos (2007) e Marques (2009) tal como *cucumbis* e as santidades Senhora do Rosário e São Benedito, tidos como protetores dos negros.

Quadro 6 – Abertura da porta e entrada na casa em Poço e em Bonfim de Feira

<p>Porta aberta, mesa franca (ou mesa branca) recebeis com alegria como recebeu seu bento filho assim como a virgem Maria Reúne o povo todo quero ver bater nas mãos vamos todos dar louvores a São Cosme e São Damião Nossos reis já estão cantando na hora de Deus amém Ofereço a todos os santos e ao <i>santo</i> reis também.</p>	<p>Abri a porta abrires senhor queremos realmente queremos realmente com cheiro e flô abrires a porta se o senhor pude Viemos todos com prazer e vinho Água de coco e também da fonte Nos <i>a receba</i> com amor e carinho</p>
---	---

⁴ Diante de uma casa residencial ou porta de uma fazenda, os versos são: “*abre a porta bem devagarinho/quero dizer adeus passarinho*”. No entanto, devido à conotação sacra, provavelmente os versos não podem ser os mesmos na porta da casa de candomblé (BARBOSA *et al.* 2012).

Quadro 7 – A roda do reis coroados

Já entrou o reis de São <i>Salamão</i> , Este reis de Santa ... (de São ...) de São Cosme e São Damião Bendito (Bonito) reis de São Cosme é coroados é coroados São Cosme, é coroados	Reis coroados, reis coroados, divino do mundo inteiro na pancada do tambor sou coroados sou
--	--

Essas imagens são comuns nas congadas do final do século XIX e do início do século XX, documentadas na Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Sergipe. Contudo, integrantes do Grupo União não lembram o termo congada, mas testemunharam “*cacumbis*” (cucumbis) e “*marujadas*” nos festejos do padroeiro Senhor do Bonfim entre os anos 1930 e 1950. E em que consistia? Não é feita uma diferença entre *cacumbis* e *marujada*, mas essas expressões são do mesmo ato juntamente com máscaras dos folguedos de rua. Há um consenso que fazia parte da programação tida como profana na festa do padroeiro Senhor do Bonfim.

Nos “*cacumbis vinha aquele grupo de negros, com facões (ou pedaços de pau), que saíam na rua, dois a dois, faziam piruetas e batiam os facões como em luta*”, revela dona Lia (73). “*Depois, vinham os monstros*”, diz dona Isabel (73). “*Era a marujada, só de homem, bem ensaiado, que vinha no cortejo da alvorada, do bando anunciador da festa*”, complementa dona Margarida (66). Até quando? “*Eu era menina*”, exclama dona Lia. “*Eu via isso até uns dez anos*”, revela seu Antonio (83). “*Eu ainda alcancei*”, diz dona Costinha (60). Informações similares estão nos noticiários sobre a festa do padroeiro do jornal Folha do Norte (1909, 1910, 1911).

Cucumbis e coroação de reis são elementos das congadas. Ramos (2007) descreve o cortejo de rua dos *cucumbis* como uma batalha, que finalizava com a

coroação dos reis. Acrescenta ainda, que o auto dos *cucumbis* ou das congadas não se conserva mais com a pureza temática de origem. Houve fragmentação progressiva, ora permanecendo apenas a cena da coroação, que são os congos. Desta maneira, tomando-se as informações de Ramos (2007), afirma-se que os congos permaneceram em Bonfim de Feira. Entretanto, não se confirma coroação de reis no interior do templo católico em Bonfim de Feira, tal como os registros em outras localidades brasileiras. No entanto, o cenário histórico das manifestações católicas locais indica a presença de elementos das congadas que, ao longo do tempo, se extinguíram.

Origem e influências

A reverência aos santos gêmeos nos leva ao escrito de Lody (2006), que se refere ao Menino Deus como de devoção doméstica, próximo das crianças, tal como os São Cosme e São Damião, que são no sincretismo associado com gêmeos da tradição africana – os *Ibejis*. Esse aspecto explica possivelmente por que esse *Reis* de Bonfim de Feira é celebrado em qualquer período do ano. No entanto, mais que isso, esse aspecto indica ser outro fator determinante na preservação e resistência cultural dessa celebração como liturgia afro-brasileira, devido ao colorido, ao tom alegre, às frutas, aos doces e às pipocas, que atraem as crianças. Neste momento, o terreiro mostra força na transmissão de valores para a geração mais nova, mostra que é um espaço de sociabilidade.

De certa forma, a manutenção deste *Reis* não depende de insumos governamentais e permanece por tradição, além do que não é de consumo e não traz a bandeira dos três reis magos ou a bandeira de um grupo de reisado de giro, conforme estudos de caso na cidade de Goiânia em Ikeda (1994), no Rio de Janeiro em Souza (2011) e no Ceará, Goiás e Sergipe descrito em Almeida *et al.* (2011), mas sim, traz a bandeira de devoção aos santos gêmeos como já mencionado.

Reis em Bonfim de Feira é uma manifestação sacra, que recebe a menção e a cor de acordo com o santo homenageado (FIG. 2, FIG. 3). Nesse contexto, essa celebração se distancia da *folia de reis*, que os colonizadores portugueses introduziram no Brasil no final do século XVI. Em tese, esta celebração de Reis bonfinense se distancia também dos autos natalinos, formados por grupos de músicos, cantadores e dançadores que anunciam de porta em porta a chegada do Menino-Deus e homenageiam os três Reis Magos, conforme se apreende com Raymundo Nina Rodrigues (1882 - 1906), Câmara Cascudo (1898 – 1986), Arthur Ramos (1903 – 1949), Edison Carneiro (1912 – 1972), Rossine Tavares Lima (1915 – 1987) e Alceu Maynard Araújo (1913 – 1974).

No que se refere aos autos natalinos, Nina Rodrigues (2008) categoriza duas *folias de reis*: “o *terno*, que é mais sério e mais aristocrata, e o *rancho* propriamente dito, que é mais pândego e democrata”. Nas considerações de Araújo (2007), “*a festa do Natal, a principal celebração do verão brasileiro, embora ecumênica, é de consumo e de caráter mais profano no Norte e Nordeste e mais sacro no Sul do Brasil*”. De certa maneira, esses territórios sociais preconceituosos também se revelam em Feira de Santana do início do século XX, a tirar de noticiários do jornal Folha do Norte (1909, 1910, 1911).

Dentre estes noticiários, a curta nota sobre *bailes pastoris* com a presença de crianças pastores na chácara do Sr. João Teixeira de Amorim (*zeloso empregado no commercio da cidade*), contrasta com a descrição detalhada dos ternos aristocráticos, que em resumo: o *Terno das Floristas* com moças vestidas de camponesas, levando cestas de flores, se dirigia até a residência do coronel Bernardino Bahia, enquanto o *Terno Turco-Japonez*, com rapazes vestidos de turcos e moças em trajes nipônicos, se dirigia à casa do coronel Agostinho Fróes da Motta.

A expressão atual de *Reis em Bonfim de Feira* não é específica do ciclo natalino, ainda assim, o aspecto sacro dessa celebração mostra que as classificações de Nina Rodrigues e de Maynard Araújo são equivocadas no contexto atual. Ademais, a história da expressão de *Reis de Bonfim de Feira* tem

outra trajetória, que a distancia e a difere dos ternos suntuosos e exibicionistas feirenses – *Floristas* e *Turco-Japonez*, pois não se associa com os aristocratas feirenses ou bonfinenses do início do século XX, bem como não exhibe o imaginário das pastoras tal como nos bailes na chácara de Amorim.

Todavia, essas expressões culturais dos noticiários feirenses tiveram similares no distrito Bonfim de Feira com o reisado, a lapinha e a presença de pastoras. Não é possível determinar se as influências ocorreram desde o início do século XX, mas há registros de presépios na década de 1950 até os dias atuais, com relatos de meninas pastoras vestidas de papel crepom, com pandeirinhos e laços de fita colorida, saindo pelas ruas para arrecadar recursos para a festa de Natal. Com base nos relatos do Grupo União, esse cenário associa Natal e reisado dentro de um contexto católico, e os versos são conforme o (Quadro 8).

Quadro 8 – Reisado de São José diante da lapinha da igreja

<p>Ô de casa, ô de fora Ô Maria, vai ver quem é</p> <p>É o cantador de reis Quem mandou foi São José</p> <p>Cantar reis não é pecado São José também cantou</p>	<p>São José também cantou Neste dia de alegria</p> <p>São José também chorou Por que viu seu filho morto</p> <p>Pregado em uma cruz com tanto amor</p>
---	--

Isso corrobora a definição atual de *Reisado* em Bonfim de Feira, que é a celebração para os Santos Reis no dia 6 de janeiro e caracteriza-se pela visitação, desmonte e queima da lapinha (presépio) com a presença de pastoras. Outro costume chamava-se “*robar o reis*”. Este costume era mais comum entre os jovens, cuja característica era o giro para visitas às residências sem que os proprietários soubessem, com o objetivo de cantar e com a abertura da porta para realizar a festa. Tanto o reisado quanto o giro declinaram na história de Bonfim de Feira.

De uma forma geral, o declínio das expressões culturais em Bonfim de Feira está associado principalmente ao falecimento de protagonistas mais atuantes e às alterações nos costumes rurais de colheita, a exemplo de amarra de fumo, bata de feijão e quebra de milho.

Considerações finais

A origem e a preservação da celebração de *Reis* de Bonfim de Feira estão associadas com o sincretismo religioso e as casas afro-brasileiras umbandistas. Quanto aos autos natalinos no contexto católico, essas expressões culturais não se preservaram, embora a montagem da lapinha ainda ocorra. A queima da lapinha declinou ao longo da história do lugar, mas os versos dessa expressão cultural foram restaurados com o Grupo União.

Reis em Bonfim de Feira tem dois atos, um externo e outro interno, que revelam explicitamente o sincretismo. Na parte externa, os versos da catequese colonial dos jesuítas que refletem a influência original cristão-católica e, na parte interna, os congos com a coroação do reis refletem a influência africana e a influência indígena nas celebrações para orixás, caboclos e encantados. preservação de elementos das folias de reis (com bandeiras, cores, música e alegria) e das congadas (reis coroados), no contexto geográfico de um território de atividades pastoris (criação de gado), que é a região de Feira de Santana, Bahia.

É um rito que se diferencia por ocorrer em qualquer período do ano, pela dissociação dos autos natalinos, pela aproximação com os santos gêmeos (Ibejis). O conteúdo, o local, os protagonistas e o ritual revelam o sincretismo na fusão de elementos culturais católicos, africanos e indígenas, revelam também a transformação ao longo da história do Reis no Brasil e aspectos diferenciadores diante da trajetória das folias de reis em Feira de Santana. Esse quadro mostra que o território do samba de Bonfim de Feira se define como importante espaço social, de resistência e de identidade cultural neste distrito feirense.

Este trabalho e a restauração cultural incentivaram duas exposições públicas do Grupo União com as cantorias de *Reis* e da *Lapinha*. O grupo se apresentou na

VIII Feira do Semiárido, que ocorreu na Universidade Estadual de Feira de Santana (dezembro de 2012) e na VI Feira do Livro, que ocorreu no centro da cidade de Feira de Santana (setembro de 2013). Nesse aspecto, a extensão universitária agiu como mediador no registro documental do *Reis* (bem imaterial preservado) e na reconstituição/restauração da *Lapinha* (bem imaterial parcialmente preservado). Portanto, em atenção aos objetivos da pesquisa e da extensão universitária, o desafio atual é provocar a inclusão da realidade local no conteúdo escolar no distrito.

Agradecimentos

A equipe agradece aos motoristas da UEFS que conduziram o grupo durante toda a jornada; à dona Neusa Bastos e aos zeladores Anaelson Lopes (Tim), Celice Rodrigues, Elias Moreira, Josué Barbosa Filho, Genário Oliveira e Isabel Conceição pelo acolhimento nos terreiros; às rezadeiras Maria Araújo dos Santos (Costinha) e Maria Ferreira Silva (Lia), que pacientemente atenderam à equipe; à dona Maria do Carmo e ao Padre Luís Carlos Cerqueira, que possibilitaram a consulta à documentação da Igreja do Senhor do Bonfim; aos pareceristas pelas críticas e sugestões ao texto submetido para publicação; especialmente, ao Grupo União, que tem sido fonte de inspiração.

Rei Magi in the District of Bonfim de Feira, Bahia: Origin, Tradition, and Cultural Transformation

Abstract: The *Reis* of the Bonfim de Feira district is a manifestation of religion that celebrates the twin saints *Cosme* and *Damiao* and the guide-saint of the Afro-Brazilian house. Surely, it is not strictly associated to the nativity celebration of Christmas also it differs from the *Rei Magi* celebration in January 6th. These characteristics motivated us to elaborate this paper in order to: (a) comprehend, describe and, analyze this cultural celebration and, (b) contribute for documentation, preservation and the restoration of the cultural expressions. Data

are based on fifty events between 2009 and 2013 and on the oral tradition of “Union Group” in 2012 year. The research and the extension activities permit us to register the chants and the protagonists of this manifestation of Umbanda Afro-Brazilian religion. Then, it is a result of a social transformation, new means and preservation of the other expression named *congós*.

Keywords: Afro-Brazilian culture. Umbanda. *Rei Magi*. Congos. Feira de Santana.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de; OLIVEIRA, Christian Dennys M.; VARGAS, Maria Augusta Mundim. A dimensão territorial das festas populares natalinas e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe. *Revista Geográfica de América Central*, Número Especial EGAL, Costa Rica, p. 1-16, 2011.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Cultura popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Raízes).

BARBOSA, Liana Maria *et al.* *Bom Fim: Bonfim em foco I*, mapeamento do distrito feirense Bonfim de Feira, Bahia. EBECULT. 15. Cachoeira: PROEX/UFRB, 2012. Disponível em: <<http://www.ufbr.edubr/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/BOM-FIM-Bonfim-em-foco-I-mapeamento-do-distrito-feirense-Bonfim-de-Feira-Bahia.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

BARBOSA, Liana Maria *et al.* Plantas úteis, religiosidade e recurso natural em Bonfim de Feira, Bahia. *Interagir: pensando a extensão*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 19-28, 2010c. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/view/2600>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

BARBOSA, Liana Maria *et al.* Cantorias. Feira de Santana: PPPG/PROEX/UEFS, 2010b. Disponível na TV UEFS. Disponível em: <<http://www.tvolhosdagua/outrosolhares/cantorias.br>>. Acesso em: 02 jan. 2014

BASTOS, Carla Alessandra Melo de Freitas Bastos. *Avaliação da rede de drenagem do Ribeirão do Cavaco*. Feira de Santana: FAPESB/PPPG/UEFS, 2013. Relatório, Iniciação Científica.

BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance ritual no reisado do Mulungu (Chapada Diamantina, Bahia). *Religião e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 24-47, 2007.

CARNEIRO, Edison. *A sabedoria popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Coleção Raízes).

CASCUDO, Luís da Câmara. *Antologia do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2003. v. 1.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. rev., atual. e il. São Paulo: Global, 2001.

CONEXÃO EMANCIPACIONISTA. Dados censitários do IBGE. Disponível em: <<http://aurelioschmidt.blogspot.com.br/2011/06/populacao-total-dos-distritos-da-bahia.html>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

GRILO, Davi Cerqueira. *Mapeamento da sede distrital de Bonfim de Feira*. Feira de Santana: PPPG/UEFS, 2008. Relatório, Iniciação Científica.

IKEDA, Alberto T. Folia de reis, sambas do povo: ciclo de reis em Goiânia: tradição e modernidade. *Senri Ethnological Reports*, v. 1, p. 167- 207, 1994.

LIMA, Rossini Tavares. *A ciência do folclore*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Raízes).

LODY, Raul. *O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, vodus, inquices e caboclos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Raízes).

MARQUES, Janote Pires. *Festas de negros em Fortaleza: territórios, sociabilidades e reelaborações (1871-1900)*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

MELO, Laina Freitas de. *Arquivos dos recursos naturais e culturais do distrito Bonfim de Feira*. Feira de Santana: CNPq/PPPG/UEFS, 2009. Relatório, Iniciação Científica.

NINA RODRIGUES, Raymundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.

PARK, Margareth Brandini (Org.). *Memória em movimento na formação de professores*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2000.

RAMOS, Athur. *O folclore negro do Brasil: demopsicologia e psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Raízes).

SILVA, Alisandra Souza; SOUZA, Gracinete Bastos. O uso do geoprocessamento na caracterização geoambiental da porção médio superior da microbacia do Ribeirão do Cavaco. Feira de Santana, Bahia, Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 15., 2011. *Anais...* Curitiba, 2011, p. 3680-3686.

SOUZA, Luís Gustavo Mendel. Folia de reis: comunidades responsáveis por uma organização social no Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo, 2011. *Anais...* São Paulo: ANPUH, p. 1-15, 2011.

Outras fontes

BAILES pastoris. *Folha do Norte*, ano II, n. 18, 15 jan. 1910. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

BOMFIM. *Folha do Norte*, ano II, n. 19, fev. 1910. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

BOMFIM. *Folha do Norte*, ano III, n. 69, 12 fev. 1911. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

TERNO das floristas. *Folha do Norte*, ano III, n. 69, 12 fev. 1911. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

TERNO de Reis. *Folha do Norte*, ano II, n. 17, 15 jan. 1910. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

THEATRO Sant'Anna. *Folha do Norte*, ano III, n. 65, 14 jan. 1911. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

TURCO-japonez. *Folha do Norte*, ano II, n. 62, 18 dez. 1910. Feira de Santana: Arquivos do Museu Casa do Sertão – UEFS.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

BARBOSA, Liana Maria *et al.* Santos Reis no Distrito de Bonfim de Feira, Bahia: Origem, Tradição e Transformação Cultural. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 54-75, jan./jun. 2014.